



## RESENHA: TRAMAS JORNALÍSTICAS NO BRASIL DO SÉCULO XIX: UM OLHAR INTERPRETATIVO A PARTIR DAS PERIFERIAS.

BARBOSA, Marialva; Ribeiro, GOULART, Ana Paula; e HOHLFELDT, Antonio (orgs.) **História da imprensa no Brasil do século XIX**. Porto Alegre: ediPUCRS; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2024.

MARIA DE FÁTIMA TOMAZ<sup>1</sup>

### Resumo

Esta resenha do livro *História da imprensa no Brasil do Século XIX*, organizado por Barbosa, Ribeiro e Hohlfeldt, tem como objetivo apresentar o trabalho em redes feito por um grupo de pesquisadores, ligados tanto a área da Comunicação, quanto da História, onde se privilegia a comunicação produzida no contexto local – territorialidades específicas – revelando a antinomia entre os termos periferia e centro na construção da imprensa brasileira do século XIX. Desse modo, podemos nos aproximar das pesquisas, ao mesmo tempo em que apontamos como principal ponto do debate o olhar capaz de produzir novas interpretações a partir das múltiplas territorialidades periféricas.

**Palavras-chaves:** Imprensa; território; periferia; metodologia.

### Abstract

*This review of the book *História da imprensa no Brasil do Século XIX [History of the Press in Nineteenth-Century Brazil]*, organized by Barbosa, Ribeiro and Hohlfeldt, aims to present the work in networks carried out by a group of researchers, linked to both the areas of Communication and History, which prioritizes communication produced in the local context – specific territorialities – revealing the antinomy between the terms periphery and center in the construction of the Brazilian press in the nineteenth century. In this way, we can approach the research, while at the same time pointing out as the main point of the debate the perspective capable of producing new interpretations based on the multiple peripheral territorialities.*

**Keywords:** Press; territory; periphery; methodology.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro - PPGCOM/ECO/UFRJ na linha de pesquisa Mídia e Mediações Socioculturais. Mestra em Comunicação e Cultura pelo PPGCOM/ECO/UFRJ. Graduada em Serviço Social pela UFRN e em Jornalismo pela Escola de Comunicação da UFRJ. E-mail: tomazfm@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5321-5353>.



Certamente o que mais me cativou no processo de fazedura deste livro é o anúncio sobre a importância da construção de perspectivas metodológicas no campo da historiografia do jornalismo, evocando o trabalho em redes<sup>2</sup> de diversos pesquisadores emaranhados – por este Brasil. Tais autores em seu território local e/ou de origem no intuito de preencher espaços vazios ou esvaziar espaços convenientemente cheios apontam também a importância e a multiplicidade de outros territórios culturais.

Três expressivos/as pesquisadores/as da área de História da Comunicação no Brasil pautam e nos indicam, particularmente, que pensar e problematizar as redes e conexões como método científico comunicacional requer um novo olhar. Outras interpretações são capazes de construir uma síntese histórica que privilegie o contexto comunicacional, a partir da desmitificação de ideias cristalizadas dentro dos territórios excluídos do cenário nacional.

Para os/as autores/as, isso se deu devido à estruturação dos movimentos históricos no que se refere as pesquisas de cunho jornalístico. Criou-se uma antinomia: de um lado análises simplícistas e/ou particularistas feitas de regiões distantes do centro regulador de informação e poder, e de outro generalizações exacerbadas de processos ocorridos na capital imperial como sendo emblema comum inerente as demais regiões. Dessa forma, percebemos, a partir da leitura dos textos a opção de lançar um olhar sobre territórios distintos. A partir da formação de uma rede de pesquisa de História da imprensa no Brasil do século XIX, se fez a escolha de desnaturalizar o olhar interpretativo feito a partir da periferia e percorrer novos territórios.

Mesmo com todas as dificuldades inerentes a um trabalho dessa envergadura, por meio dessa rede de informação e diálogo, se faz necessário enaltecer a pluralidade de territórios. Isso porque é perigosa a apropriação discursiva desse conceito a partir de um “nós” falso, no qual se mascaram diferenças profundas em uma dada região, desconhecendo por vezes, o fato de que um grupo dominante defende seus interesses como se fossem os daquela região. Daí pensar território – mesmo este conceito estando presente em múltiplas dimensões e sentidos – é adentrar espaços físicos concretos, mas com uma grande carga simbólica que incluem posições que vão do sentido geográfico e

---

<sup>2</sup> A criação da Rede de Pesquisa, com dezenas de pesquisadores de todas as regiões, permitiu a sintetização de alguns processos da construção das redes de comunicação dos impressos no século XIX, quando passaram a ser editado, de norte a sul do país.



espacial às questões identitárias com seus aspectos históricos, sociais, econômicos e raciais.

E nessa compreensão, é a “lógica do lugar” que assume uma função de base na estrutura dinâmica global, que segundo Sodré (2019) explicita a articulação que há entre a organização do território e as relações sociais. Por isso a importância das denominadas autonomias expansivas defendida por Haesbaert (2007), que rompem os binarismos dos espaços absolutos - territórios estanques, rigidamente delimitados - e criam/ampliam espaços transitáveis. Em *O terreiro e a cidade*, Sodré (2019) destaca a importância da relação entre o homem e o espaço e explicita a capacidade que tem o meio físico de afetar o comportamento humano provocando reações simbólicas, ou seja, o território se converte na força motriz que engendra ou refreia as ações das pessoas.

O empenho de diversos pesquisadores da Rede de História da Imprensa no Brasil do século XIX, em realizar um trabalho de síntese histórica com centralidade no contexto comunicacional, deu origem a este livro. Netília Seixas, Leonardo Rodrigues e Jessé Brígida se concentraram no estudo da imprensa do território que era denominado no século XIX de Grão-Pará. O capítulo “A imprensa em solo amazônico: momentos-chave da configuração dos impressos no Pará do século XIX”, se detém sobre o surgimento da imprensa no Pará. Apesar das dificuldades com a aquisição de equipamentos e com a contratação de tipógrafos e litógrafos, os principais temas nacionais como a Independência, a Abolição e a Proclamação da República, não deixavam de influir sobre os movimentos de grande importância local/regional como, por exemplo, a Cabanagem.

Os dois capítulos seguintes se voltam para o chamado Oeste Marítimo que englobava o Maranhão e o Piauí a época. “Letras impressas, disputas e acomodações: a expansão da imprensa maranhense no século XIX”, da autoria de Roseane Archanjo Pinheiro e Thays Assunção Reis, analisa *O Conciliador do Maranhão (1821-1823)*, publicado em um contexto de ruptura contexto nacional provocado pela Independência. As autoras analisam esse que é o marco inaugural da imprensa do Maranhão, destacando sua especificidade e apresentando contexto das lutas pelo poder local e das articulações presentes nas dinâmicas sociais, históricas e culturais da região.

“O inimigo do Império: O Amigo do Povo”, assinado por Ana Regina Rêgo, Ranielle Leal e Vinícius Ferreira, concentra-se na trajetória do piauiense David Moreira Caldas que atuou na imprensa política do Segundo Reinado fazendo forte oposição a Dom



Pedro II. O texto revela, a partir de memórias revisitadas, as lutas posteriormente silenciadas sobre a história da imprensa Piauiense.

De autoria de Hérica Lene, “A imprensa ‘especializada’ da Bahia no século XIX: para crianças, mulheres e espíritas”, apresenta os territórios intitulados Governos Gerais do Leste, na então província baiana. O trabalho é baseado em vasta pesquisa de periódicos reunidos na Hemeroteca Digital Brasileira tendo como recorte temporal o período que vai de 1810 a 1870. Duas questões se revelam essenciais no texto: uma, já anunciada no título que é a existência de uma imprensa “especializada” no espiritismo em pleno século XIX, e outra, a importância da imprensa em Salvador e em localidades expressivas do Recôncavo baiano.

Os três próximos capítulos do livro referem-se à imprensa de Pernambuco. O primeiro, é o texto de Flavio José Gomes Cabral, “ ‘Senhor Redator’: imprensa e cultura política em Pernambuco da época da Independência”, que demonstra o crescimento dos entusiastas liberais, assim como a discussão relacionada às liberdades naquele contexto. O autor analisa o papel educativo de impressos como *Aurora Pernambucana*, o *Segarrega* e o *Relator Verdadeiro*; as repercussões do Fico em *O Maribondo* e a *Gazeta Pernambucana*, destacando as articulações dos liberais em favor de um projeto social fundamentado em valores da brasilidade.

No capítulo seguinte, Tércio de Lima Amaral destaca as contribuições para o avanço da imprensa pernambucana através do estudo do jornal há mais tempo em circulação na América Latina: *O Diário de Pernambuco* fundado em 7 de novembro de 1825. Durante a turbulenta história política de Pernambuco no século XIX, o jornal sofreu sanções de várias naturezas e conseqüentemente teve que percorrer um longo caminho entre oficioso, combativo, liberal, conservador, chegando a adotar uma postura mais comercial, com a atenção voltada para anúncios. Ainda assim, como mantenedor do *status* de publicação oficial conseguiu ter vida longa, bem como imprimir um legado na cultura impressa pernambucana.

Na sequência do livro vem o capítulo de Aline Maria Grego Lins: “O *Typhis Pernambucano* e a Confederação do Equador”. Em dois de julho de 1824, Pernambuco inicia um movimento revolucionário que se alastra para outras províncias da região, como o Rio Grande do Norte, a Paraíba e o Ceará. O *Typhis Pernambucano*, publicado pela principal liderança da Confederação do Equador - Frei Caneca, criticava dura e



abertamente o governo imperial. É importante destacar que a autora também se valeu de uma rara coleção pertencente ao Arquivo do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano (IAHGP).

Para apresentar os territórios dos Governos Gerais do Leste, o livro ainda percorre São Paulo, São Pedro do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. O capítulo “A evolução do jornalismo em São Paulo no século XIX: reflexo do processo de desenvolvimento urbano, político e cultural”, de Gisely Valentim Vaz Coelho Hime, se detém sobre os três grandes grupos de impressos da imprensa paulista no século XIX. O início se dá com o manuscrito *O Paulista* – lançado por Antônio Mariano de Azevedo Marques, em 1823 – e finaliza com a mudança de nome d’*A Província de São Paulo* para *O Estado de S. Paulo*. O texto chama a atenção para o atraso na implantação da imprensa em São Paulo. Mas destaca o posterior avanço com a ação política dos dirigentes das publicações, como também a emergência de um pensamento empresarial construído a partir da exaltação de um “espírito de modernidade” que marcaria a excepcionalidade paulistana.

A pesquisa realizada sob coordenação de Aline Strelow, intitulada “Apontamentos para uma história da imprensa no Rio Grande do Sul no século XIX”, apresenta o primeiro jornal a circular na região, o *Diário de Porto Alegre*, de 1827; a presença feminina nos jornais e a imprensa negra, representada pelo jornal *O Exemplo*, datado de 1892 e conclui com *Correio do Povo* surgido na passagem do século XIX para o XX. São múltiplas as particularidades interpretativas oferecidas nesse capítulo.

Fechando os capítulos referentes a territorialidade denominada Governos Gerais do Leste, o livro apresenta “O pioneirismo do áulico *O Catharinense* e o longo hiato até o surgimento da primeira publicação satírica ilustrada de Santa Catarina” de Mauro César Silveira. onde é demonstrado que, assim como se deu em toda essa região, a imprensa periódica surgiu tardiamente em Santa Catarina. O primeiro jornal, *O Catharinense*, começou a ser publicado em 1831, na então capital Nossa Senhora do Desterro – hoje Florianópolis. O capítulo analisa o contexto histórico em que surgiu *O Catharinense*, dissecando as relações que os editores desse periódico estabeleceram com o poder político e econômico da região.

A região denominada Governos do Interior compreende os estados de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. Chama a atenção do leitor, a complexa rede que se



estabeleceu entre os sete<sup>3</sup> pesquisadores provindos de diversas universidades de Minas Gerais. “Desejos de modernidade entre burburinhos da urbanização: a imprensa oitocentista em Minas Gerais”, além de apresentar o processo de produção de jornais locais, no século XIX, procura conectar o surgimento desses periódicos aos processos de urbanização das diversas regiões de destaque econômico da província. Nesse sentido resta demonstrado o tensionamento que marcou a unificação das diversas partes em uma única província e a conseqüente homogeneização identitária de Minas Gerais. É entre “silêncios e burburinhos” que o texto avança com o intuito de demonstrar as diversas facetas da imprensa mineira em interação com as múltiplas pluralidades possíveis nesse território.

No penúltimo capítulo do livro, temos a presença dos territórios de Goiás e Mato Grosso. O texto intitulado “Por uma história cultural da imprensa no Centro-Oeste brasileiro”, de Rosana Borges, Mario Luiz Fernandes e Wéber Félix de Oliveira, começa fazendo uma provocação acerca da ausência de uma análise histórica ou síntese histórico-comunicacional da imprensa do Centro-Oeste brasileiro, apesar dos 200 anos de seu surgimento. O precursor da imprensa goiana foi o jornal *A Matutina Meiapontese* (1830-1834), nascido fora da capital e custeado por iniciativa privada, mas que também era fazia as vezes como ‘correio oficial’ das Províncias de Goyaz e Mato Grosso. Vale destacar o registro das mulheres – brancas e negras – que atuaram como tipógrafas na Cidade de Goiás no final do século XIX.

“Tempos de independência: circuitos comunicacionais da imprensa no século XIX”, de Marialva Barbosa é o capítulo final. Seu objetivo é, a partir da leitura dos textos produzidos pelos pesquisadores da Rede de História da Imprensa no Brasil do século XI, desvendar as tramas dos territórios “periféricos” sob um olhar crítico que privilegie as ações humanas, as experiências e emoções. Neste sentido a autora procura identificar sinais, vestígios e dados marginais, que validem a historicidade dos processos comunicacionais nos circuitos do jornalismo impresso em um movimento de fluxo e contrafluxo simbólico. Esse movimento da produção e circulação de impressos entre Corte/província/Corte e das províncias entre elas mesmas, não tinha uma organização homogênea nem hegemônica. É, portanto, a partir das pesquisas apresentadas, assim

---

<sup>3</sup> Pesquisa e capítulo assinados por: Aline Strelow, Ana Gruszynski, Antonio Hohlfeldt, Cida Golin, Claudio Cruz, Daniel Marcílio e Deivison Campos.



como das novas interpretações possíveis do cenário da imprensa brasileira oitocentista, que encontram-se os múltiplos circuitos comunicacionais em redes e conexões.

O que podemos concluir da leitura do livro *História da imprensa no Brasil do Século XIX*, é que além de construir um trânsito inovador no campo da historiografia do jornalismo, a partir de ecos e reflexões de territorialidades múltiplas e diversas, os textos trazem a marca pungente das escritas desses/as autores/as que é a ênfase nas relações humanas. Fazia falta um projeto como esse, que tomasse como fio condutor o trabalho de redes de pesquisadores voltados para os territórios periféricos com suas vastas pluralidades, abrindo a possibilidade de desvencilhar as tramas, desatar nós e costurar elos fortes entre história e comunicação.

### Referências

BARBOSA, Marialva; Ribeiro, Ana Paula Goulart; e HOHLFELDT, Antonio. (orgs.). (2024). **História da imprensa no Brasil do século XIX**. Porto Alegre: ediPUCRS; Rio de Janeiro: PUC-Rio. 551 p.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. *In: Revista de pós-graduação em Geografia da UFF*: v. 9, n. 17, 2007.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade**: a forma social negro-brasileira. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2019.